



O ESPAÇO SAGRADO NA LITERATURA PARA A JUVENTUDE: UM OLHAR COMPARATISTA.

THE SACRED SPACE IN LITERATURE FOR YOUTH: A COMPARISON LOOK

Cristiano Camilo Lopes¹

RESUMO: Este artigo objetiva analisar a presença do Espaço Sagrado na Literatura para a Juventude. Para isso, o trabalho está alicerçado no conceito de sagrado, mais especificamente, na função do espaço sagrado na formação da identidade e seu papel na construção do ser. A aplicação da teoria nas ficções selecionadas, justifica-se pelo fato de que, mesmo na era cibernética, é possível dialogar o espaço sagrado com a fantasia e com o ciberespaço.

PALAVRAS-CHAVE: Sagrado; Espaço; Mia Couto; C. S. Lewis; Alexandre Jardin

ABSTRACT: This article objective to analyze the presence of the Sacred Space in Books for Young People. For this, the work is built in the concept of sacred, more specifically, in the function of the sacred space in the formation of the identity and its paper in the construction of the being. The application of the theory in the selected fictions, is justified for the fact of that, exactly in the age cybernetics, it is possible to dialogue the sacred space with the fancy and cyberspace.

KEY-WORDS: Sacred; Space; Mia Couto, C. S. Lewis; Alexandre Jardin

¹Mestrando em Letras Clássicas: Estudos Comparados em Literaturas de Língua Portuguesa. FFLCH-USP. **Pesquisa:** O sagrado na literatura para a juventude (crianças e jovens): um estudo comparado do espaço sagrado nas obras *O beijo da palavrinha*, de Mia Couto, *Crônicas de Nárnia, o leão a feiticeira e o guarda-roupa*, de C. S Lewis e *Cibernão*, de Alexandre Jardin.
E-mail: cristianoclopes@hotmail.com



O presente artigo tem por objetivo analisar a presença do sagrado na literatura para a juventude, mais, especificamente, a função do espaço sagrado na literatura como essencial e norteador na formação do ser. Levantar-se-ão algumas questões pertinentes ao espaço sagrado e ao seu percurso gradativo rumo ao despertar para o transcendente nas obras *beijo da palavrinha*, de Mia Couto, *Crônicas de Nárnia: O leão, a feiticeira e o guarda-roupa*, de C.S. Lewis, e *Cibermãe*, de Alexandre Jardim.

Segundo **Nelly Novaes Coelho** em sua obra *Literatura Infantil*, (COELHO, 2006, p. 27) a literatura expressa, entre outras coisas, experiências humanas e pode, por isso, manifestar vivências. Essa realidade, também, está presente na Literatura para Crianças e Jovens:

A literatura infantil é, antes de tudo, literatura; ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática, o imaginário e o real, os ideais e sua possível/impossível realização...

A definição acima acentua o fato de que a literatura para a juventude não pode ser considerada mero entretenimento ou distração que envolve a criança e o adolescente, pelo contrário, a literatura para crianças e jovens concentra uma vasta riqueza de linguagens e, por conseguinte, exige um novo olhar sobre o livro, no dizer de **Lúcia Pimentel Góes**, um *Olhar de Descoberta* para o *Objeto Novo* (2005, p. 19), que não se dá de maneira superficial, pois exige do leitor-mestre envolvimento, desenvolvimento e acompanhamento:

... objeto novo é a denominação por nós sugerida para os livros que apresentam uma concentração de linguagens de natureza varia e variada. Para lê-lo em fruição é preciso um olhar de descoberta.

Na relação literatura e sagrado, a literatura pode agir na mente humana para trazer conhecimento e propor transformações, quando necessárias, na experiência vivida pelo homem, por isso ela: "... precisa ser urgentemente descoberta (...) como uma aventura espiritual que engaje o eu em uma experiência rica de vida, inteligência e emoções." (COELHO, 2006, p. 32) Possibilita, assim, examinar a formação da identidade do homem no contato com o sagrado e no reencontro consigo mesmo, desde seus primeiros passos racionais e responsáveis.



Quando se lida com tudo que é transcendente, incognoscível, inominável, divino, tem-se a experiência pessoal de um domínio existente, não limitado à esfera do mundo físico. **Rudolf Otto** designa a experiência com o sagrado como *numinosa*, que vai além da razão. É a experiência com o que é transcendente, que gera no homem uma relação de dependência; um “algo mais” que ele define:

... o sentimento do estado de criatura, o sentimento da criatura que se abisma no seu próprio nada e desaparece perante o que está acima de toda a criatura. A sedução que o sagrado provoca é resultado dessa experiência que vai além do racional, contudo a reação por ela provocada faz com que o homem deseje resolvê-la ou, até mesmo, refutá-la. (OTTO, 2005, p. 19)

É inegável que o sagrado pode influenciar muitas pessoas e está inserido no cotidiano. Trata-se de um mistério que não se compreende em um universo palpável, mas declara “concretamente” sua existência por meio das reações e sentimentos vividos por homens diante dele. Mediante essa relação entre o divino e o humano, é que se adotam posturas frente a tudo aquilo que é visto como tal.

A manifestação do sagrado, denominada ‘hierofania’, revela a beleza da transformação do caos no cosmos. Os antigos elementos que formavam o caos podem e continuam a ser os mesmos e, ainda assim, mostram algo novo a partir do sagrado:

Nunca será demais insistir no paradoxo que constitui toda hierofania, até a mais elementar. Manifestando o sagrado, um objeto qualquer torna-se outra coisa e, contudo, continua a ser ele mesmo, porque continua a participar do meio cósmico envolvente. (ELIADE, 2001, p. 18)

Não é possível, pois, recusar a importância dessa experiência na formação da identidade, uma vez que toca a realidade humana e contribui para a formação da consciência própria. **Mircea Eliade** afirma:

... o sagrado equivale ao poder e, em última análise, à realidade por excelência. O sagrado está saturado de ser. Potência sagrada quer dizer ao mesmo tempo realidade, perenidade e eficácia (...) é, portanto, fácil de compreender que o homem religioso deseje profundamente ser, participar da realidade, saturar-se de poder. (ELIADE, 2001, p. 18)



O espaço na literatura, por sua vez, condiciona o ser social e atua de forma decisiva no interior do homem: “... a ficção narrativa decorre sempre em um determinado local ou espaço que lhe dá significação e verossimilhança.” (COELHO, 2006, p. 77)

Antonio Candido, ao tratar da descrição do espaço na literatura, acrescenta:

Aí está porque (...) a descrição assume importância fundamental, não a modo de enquadramento ou complemento, mas de instituição da narrativa. É ela, de fato, que estabelece como denominador comum a supressão das marcas de hierarquia entre o ato, o sentimento e as coisas, que povoam o ambiente e representam a realidade perceptível do mundo... (CANDIDO, 1993, p. 76)

Quanto ao espaço sagrado, este pode ser classificado como trans-real, tendo em vista que assume conotação simbólica:

... espaço não-localizável no mundo real, tal como o conhecemos; (...) ultrapassa a simples funcionalidade dentro da ação ou em face da personagem, para adquirir um valor transcendente, um valor que ultrapassa a sua importância objetiva na história. (COELHO, 2006, p. 77)

Assim, pode-se identificar a mudança no espaço a partir da hierofania que o delimita e evidencia o que está fora. O que fica fora do espaço não sagrado é denominado profano.

Mircea Eliade (ELIADE, 2001, p. 24) categoriza o espaço sagrado como heterogêneo, tendo em vista que a sua manifestação faz diferença no que, até então, era homogêneo: “Há, portanto, um espaço sagrado, e por conseqüência ‘forte’, significativo, e há outros espaços não-sagrados, e por conseqüência sem estrutura nem consistência, em suma, amorfos.” A ‘hierofania’, não só rompe com a homogeneidade, mas, também, revela algo novo e real que está presente na experiência humana como ponto fixo. Este, por sua vez, tem função ontológica e existencial para o homem, uma vez que fornece um centro:

Quando o sagrado se manifesta por uma hierofania qualquer, não só há rotura na homogeneidade do espaço, como também revelação de uma realidade absoluta que se opõe à não-realidade da imensa extensão envolvente (...) a descoberta do espaço sagrado tem um valor existencial para o homem religioso; porque nada pode



começar, nada se pode fazer sem uma orientação prévia – e toda orientação implica a aquisição de um ponto fixo (...) o centro equivale à criação do mundo. (ELIADE, 2001, p. 26)

O centro no espaço sagrado possibilita o norteamento na homogeneidade caótica, serve como origem ou fundação do mundo, promove para o homem o viver real. Por outro lado, a experiência profana não contribui para a vivência do real, ao contrário: “... mantém a homogeneidade e, portanto, a relatividade do espaço. Já não é possível nenhuma verdadeira orientação, porque o “ponto fixo” já não goza de um estatuto ontológico único...” (ELIADE, 2001, p. 27)

O que contribui e afirma a funcionalidade do centro do espaço sagrado é o fato de que ele proporciona abertura para o contato com o transcendente, que torna para o homem algo real por excelência.

Vale ressaltar, também, que o espaço sagrado tem função soteriológica, isto é, salvífica. Quando o homem encontra-se no cosmos, nesse espaço, ele encontra sua identidade, sente-se na realidade e, por conseguinte, protegido do caos e da escuridão das incertezas, fato que justifica a busca pelo espaço sagrado, sendo, na verdade, a busca por si mesmo; um ponto fixo central que forma e resgata o interior estimulando a busca sempre crescente por segurança.

O espaço sagrado apresenta-se nas obras *O beijo da palavrinha* (2006), do escritor moçambicano **Mia Couto**, *As crônicas de Nárnia – O leão, a feiticeira e o guarda-roupa* (1950), do escritor irlandês **C. S. Lewis** e *Cibermãe* (1998), do escritor francês **Alexandre Jardin**. As obras, a despeito da distância temporal de suas produções, influenciam, nos termos descritos, na formação de identidade do leitor implícito.

O texto de **Mia Couto** é uma recriação de um conto tradicional africano. Nele, parte do patrimônio africano é retomado, fornecendo ao leitor o trânsito temporal: a concepção da tradição oral na modernidade.

Trata-se da estória de Maria Poeirinha, uma menina que vivia em uma aldeia no interior e em condições de pobreza: “viviam numa aldeia tão interior que acreditavam que o rio que ali passava não tinha nem fim nem foz.” (COUTO, 2006. p.3). Maria Poeirinha e seu irmão, Zeca Zonzo, nunca viram o mar. A própria personagem é apresentada com essa seguinte informação: “Era uma vez uma menina que nunca vira o mar...” (COUTO, 2006,



p. 3). Os dois irmãos receberam a visita de um tio chamado Jaime Litorâneo, que vivia dizendo: “Quem nunca viu o mar não sabe o que é chorar!...” (COUTO, 2006, p. 11).

Quando Maria Poeirinha adoece, o tio Jaime Litorâneo propõe uma “viagem salvadora” até o litoral, pois acreditava que sua doença era oriunda da falta de contato com o mar. Contudo, o físico da menina não agüentaria o desgaste da viagem. Assim, Zeca Zonzo escreve a palavra mar em uma folha em branco e, ao passar a ponta dos dedos de Maria Poeirinha sobre as letras, a menina é levada pelo mar, transformando-se em uma gaivota branca que não mais volta.

A partir desse pequeno resumo do enredo, pretende-se elaborar os aspectos do espaço sagrado no texto de Mía Couto.

Maria Poeirinha, às vezes, sonhava com a água, pensava que nela viveria outra realidade, bem diferente da sua vida interiorana: “Às vezes sonhava que ela se convertia em rio e seguia com passo lento, como a princesa de um distante livro, arrastando um manto feito de remoinhos, remendos e retalhos.” (COUTO, 2006, p. 7).

A palavra poeira pode sugerir a idéia de soltura, saída, prontidão para a ida: “poeira é símbolo de força criadora... simboliza o abandono total do passado, uma ruptura completa, uma negação de tudo o que representava essa poeira: pátria, família, amizade, etc.” (CHEVALIER & GHEERBRANT, 1999, p. 727). Assim, Maria Poeirinha, quando se lembrava de seu espaço, percebia a discrepância de sua miséria em relação à realidade das águas: “Na miséria em que viviam, nada destoava. Até Poeirinha tinha sonhos pequenos...mas depressa ela saía do sonho pois seus pés descalços escaldavam na areia quente. E o rio secava, engolido pelo chão.” (COUTO, 2006, p. 7)

O espaço em que viviam é o espaço profano, território sem a manifestação do sagrado, que, no caso da estória, é o mar:

..o mar lhe havia aberto os olhos para o infinito. Podia continuar pobre mas havia, do outro lado do horizonte, uma luz que fazia a espera valer a pena. Deste lado do mundo, faltava essa luz que nasce não do Sol mas das águas profundas.(COUTO, 2006, p. 9)

Na difícil realidade da seca e da miséria, a experiência com o sagrado forma uma nova identidade. Essa é a função soteriológica do sagrado: “Não há tempo a perder. Metam a menina no barco que a corrente a leva em salvadora viagem.” (COUTO, 2006, p. 12)



Na aventura da viagem em direção ao mar, o irmão Zeca Zonzo, recorrendo à imaginação de sua irmã, escreve a palavra mar em uma folha e passa os seus dedos, letra a letra, tendo em vista que seu corpo estava debilitado e não suportaria o desgaste da viagem: “– É um ‘m’. E sorriram os dois... –É isso, manito. Essa letra é feita por ondas. Eu já as vi no rio.” (COUTO, 2006, p. 20). É a primeira letra da palavra mar que simboliza a dinâmica da vida, representa o sagrado. É o lugar do mergulho de salvação por meio de morte simbólica: “...centro de vida, meio de purificação, centro de regenerescência...infinidade dos possíveis...fonte de todas as coisas, manifesta o transcendente e deve ser, em conseqüência, considerada como uma hierofania...” (CHEVALIER & GHEERBRANT, 1999, p. 15 e ss.)

Logo em seguida, Maria Poeirinha toca a letra a: “– Essa a seguir é um ‘a’. É uma ave, uma gaivota pousada nela própria, enrodilhada perante a brisa fria.” (COUTO, 2006, p. 20). A gaivota é símbolo de luz, que rompe com a noite escura e inicia um novo amanhecer. Era o contato com o sagrado no espaço trazendo luz e rompendo com o profano: “...a gaivota é proprietária da luz do dia...” (CHEVALIER & GHEERBRANT, 1999, p. 456).

Por fim, vem a letra r: “–É uma letra tirada da pedra. É o ‘r’ da rocha.” (COUTO, 2006, p. 21). Pedra indica que o divino desceu para manifestar-se entre os homens: “...a pedra apresenta o movimento de subida e descida...ela desce do céu; transmutada, ela se ergue em sua direção... símbolo de liberdade...” (CHEVALIER & GHEERBRANT, 1999, p. 656).

Eis o espaço sagrado: o mar. Maria Poeirinha foi envolvida e, assim, transformada numa gaivota branca. Saiu do território profano para o centro do mundo no espaço sagrado. É o contato com o assombroso e o misterioso que promove o espanto: “–Calem-se todos: já se escuta o marulhar! Então, do leito de Maria Poeirinha se ergueu a gaivota branca, como se fosse um lençol agitado pelo vento... Poeirinha que foi beijada pelo mar. E se afogou numa palavrinha.” (COUTO, 2006, p. 24).

Já o autor **C. S. Lewis** foi influenciado por **Rudolf Otto** em seus pensamentos sobre a fantasia como expressão do sagrado. Ele tinha em mente a palavra ‘Sehnsucht’ (origem alemã) muito usada por **Otto**, que significa aspiração ou desejo e evoca implicações místicas e espirituais. **Lewis** definiu o mundo como um lugar de nostalgia, lugar de saudade e desejo pelo transcendente. Essa nostalgia por um espaço místico faz com que o homem identifique o espaço ordinário como profano, sem hierofania, permeado pelo caos e sem



um centro norteador. É justamente a sensação de distância do espaço sagrado que acentua a experiência do ‘Sehnsucht’. Assim, **Colin Duriez** confirma:

Na verdade, o Sehnsucht, visto como desejo ou aspiração que serve de indicador para a alegria, foi para Lewis uma característica definidora da fantasia. A criação de um outro mundo é uma tentativa de reconciliar os seres humanos e o mundo, a fim de personificar a realização de nossa aspiração imaginária. Palavras imaginativas, reinos encantados, são ‘regiões do espírito’ (...) para construir ‘outros mundos’ plausíveis e tocantes é preciso basear-se no único ‘outro mundo’ verdadeiro que conhecemos, que é o do espírito. (DURIEZ, 2005, p. 77)

Lúcia foi a primeira criança a entrar em Nárnia e, quando lá estava, teve a descoberta do transcendente. Ao conversar com o fauno Sr. Tumnus, Lúcia vê-se entretida e extasiada com a alegria presente em Nárnia: “A melodia dava a Lúcia vontade de rir e chorar, de dançar e dormir, tudo ao mesmo tempo. Passaram-se horas talvez, até que ela deu por si...” (LEWIS, 1997, p. 23)

A menina e seus irmãos viveram no período da guerra mundial, isso fez com que ela e os seus partissem para um lugar distante, longe da família, dos pais, e, portanto, sem norteamento nem direção. Contudo, quando Lúcia atravessa o guarda-roupa e transcende para o mundo de Nárnia, a menina tem o desejo de compartilhar com seus irmãos sua descoberta. Para ela, a nova experiência com a alegria tornou-se realidade, fornecendo-lhe um centro, um ponto fixo, ou seja, um lugar sagrado. **Peter J. Schakel** acrescenta:

From the Blitz and a strange house in our world, Lucy stumbles unexpectedly into an enchanted Other-world. In line a door, as a portal, or entrance, to the extraordinary world beyond it, Lucy steps into an ordinary-looking wardrobe to smell and feel the fur coats in it, but finds beyond the ordinary coats something extraordinary: a different world, a strange and wonderful place beyond anything she could have imagined or dreamt of. (SCHAKEL, 2005, p. 40)²

Contudo, ao contar tal situação para seus irmãos, Lúcia sofreu oposição:

... é um guarda-roupa mágico. Lá dentro tem um bosque e está nevando. Tem um fauno (...) o nome da terra é Nárnia. Se quiserem vamos ver (...) Lúcia gostava de falar a verdade, e tinha certeza de que não estava enganada. (LEWIS, 1997, p. 32)

² “Da Blitz e de uma casa estranha em nosso mundo, Lúcia tropeça inesperadamente em um mundo encantado Outro-mundo. Tendo em vista que a fantasia comumente faz uso de algo ordinário, como uma porta, um portal, uma entrada para um mundo extraordinário além dela, Lúcia entra em um guarda-roupa aparentemente ordinário para cheirar e sentir casacos de pele encontrados nele, mas encontra além de casacos ordinários algo extraordinário: um mundo diferente, um lugar estranho e maravilhoso além do que ela pudesse ter imaginado ou sonhado.” (Tradução nossa)



Assim, a realidade (do novo espaço) é reforçada pela descrença dos irmãos de Lúcia. Para ela, Nárnia é real e lhe fornece um contato até então não vivido.

Passado algum tempo, quando os irmãos puderam confirmar a realidade de Lúcia, passando também a experiência de estar em Nárnia, as crianças ansiavam por encontrar Aslam, o grande rei, o Leão-criador de Nárnia. A presença de Aslam nesse espaço estabelece a identificação da pessoa com o lugar: para eles, estar em Nárnia era estar com Aslam, portanto com Aslam era estar em segurança.

O desejo de ir para Nárnia e encontrar Aslam evidencia, também, a experiência com o sagrado em seu espaço. Lewis considerava a emoção do espanto como próxima ao medo, contudo este não implicava perigo:

Quando o ser humano passa do medo físico para o horror e o assombro, ele claramente dá um salto, e apreende algo que jamais poderia ser ensinado, como no caso do perigo, por meio dos fatos físicos e das deduções lógicas provenientes destes (...) devemos insistir em que o horror e o assombro se acham numa dimensão distinta do medo. (LEWIS, 2006, p. 25)

Assim, essa era a sensação das crianças, ao ouvir o nome de Aslam em Nárnia; cada uma sentia algo pulsar em seu interior. Susana sentia como se algum cheiro agradável ou alguma melodia maravilhosa pairasse ao seu lado. E Lúcia teve a sensação de prazer comparada ao sair de férias ou a sensação do início do verão:

Quem nunca esteve em Nárnia há de achar que uma coisa não pode ser boa e aterrorizante ao mesmo tempo. Os meninos entenderam logo. Pois, quando tentaram olhar para Aslam de frente, só conseguiram ver de relance a juba de ouro e uns grandes olhos, régios, soleníssimos, esmagadores. Depois, não tiveram mais forças para olhar e começaram a tremer como varas verdes (...) a voz, profunda e generosa, teve o efeito e um calmante. Ficaram alegres e animados, não mais perturbados por estarem ali sem dizer uma palavra. (LEWIS, 1997, p. 123)

Na obra de **Lewis**, a experiência com o espaço sagrado transformou a vida das crianças. Eles cresceram e mudaram com o passar do tempo na nova terra. Mais do que



isso, o espaço sagrado despertou vocações, forneceu habilidades e, por fim, construiu a formação do ser:

Pedro ficou um homem alto e parrudo: foi chamado Pedro, o Magnífico. Susana virou uma mulher alta e esbelta, de cabelos negros que chegavam quase aos pés. Foi chamada Susana, a Gentil. Edmundo era mais grave e calado do que Pedro, muito sábio nos conselhos de Estado. E foi chamado de Edmundo, o Justo. Lúcia, esta continuou sempre com os mesmos cabelos dourados e a mesma alegria, e todos os príncipes desejavam que ela fosse rainha. E foi chama de Lúcia, a Destemida. (LEWIS, 1997, p. 21)

Nova identidade e nova realidade. O espaço sagrado transformou a vida de tal maneira que a fantasia e a imaginação tornaram-se portal de encontro consigo mesmo. Quanto aos medos, incertezas e assombros da lembrança do espaço profano, configuraram para eles o irreal: “Assim viveram em grande alegria. Só lembravam a vida neste mundo de cá como quem se lembra de um sonho.” (LEWIS, 1997, p. 176)

No livro *Cibermãe*, três crianças alimentam com fotos e filmes antigos um computador e conservam uma imagem virtual da mãe, que morreu em um acidente. Trata-se de um passeio pelos caminhos da Internet, onde salas de museus e páginas de enciclopédias tornam-se realidade. Portanto, o espaço na obra é considerado ciberespaço, que **Lúcia Santaella** define:

... ciberespaço é o espaço que se abre quando o usuário conecta-se com a rede. Por isso mesmo, esse espaço também inclui os usuários de aparelhos sem fio, na medida em que esses aparelhos permitem a conexão e troca de informações. Conclusão, ciberespaço é um espaço feito de circuitos informacionais navegáveis. (SANTAELLA, 2004, p. 45)

A narrativa inicia-se mostrando o grande vazio sentido por Lili, César e Félix devido à ausência da mãe. A falta da mãe confirma o espaço caótico sem um centro ou ponto fixo, que norteie a vida. As palavras iniciais do livro apresentam esse caos, quando afirmam: “Mãe não pode morrer: é uma coisa que devia ser proibida. Essa idéia não saía do coração apertado da pequena Lili...” (JARDIN, 1998, p. 2). O espaço lembrava a ausência, a incompletude, isto é, uma relação com o transcendente, que os fizesse entrar em contato consigo mesmo: “Na hora das refeições ainda havia momentos em que todos ficavam



calados, olhando o lugar dela, e os vasos que ela já não enchia de flores.” (JARDIN, 1998, p. 2)

Pelo fato de não terem direção e sentido para a vida, o pai e cada criança procuravam um escape, algo preenchedor do vazio. Apesar disso, não produzia nenhum efeito benéfico ou motivador:

César, o mais velho dava a impressão de estar conformado e de se consolar com o computador (...) Félix acabava de completar 11 anos: o presente que o pai lhe deu foi uma mecha de cabelos da mãe (...) de dia, Artur disfarçava a tristeza entregando-se de corpo e alma a seu trabalho (...) Lili abraçava Amendoim, seu urso de pelúcia, como se aquele carinho fosse o mesmo que receberia da mãe ... (JARDIN, 1998, p. 4 e ss)

No entanto, há uma ruptura de postura frente à vida quando as crianças conseguem entrar no ciberespaço por meio do computador, com o objetivo de encontrar a mãe. Uma nova realidade se apresenta aos meninos. Realidade até então não vivida, marcada pelo transcendente: “Numa hora que não existe (o tempo não conta no universo virtual...)” (JARDIN, 1998, p. 18) A busca pela origem, pela fundação do mundo, fez com que a realidade mudasse. O sobrenatural passou a ser a nova identidade. Ainda que sem saber, as crianças tiveram o desejo temeroso pelo transcendente com o intuito de encontrar um centro norteador.

Ao encontrar a mãe, as crianças estavam diante da experiência numinosa, isto é, experiência de alegria plena e formação de identidade: “Lili perdeu o fôlego. César ficou boquiaberto. Félix mais ainda...” (JARDIN, 1998, p. 58) Trata-se, portanto, do espaço sagrado: lugar da identidade, do resgate e da realidade.

Vale ressaltar essa experiência cosmológica e soteriológica, já definida anteriormente por não se apagar com o tempo, antes, marca o início da vida e o resgate de sentimentos perdidos. O sobrenatural torna-se a verdadeira realidade: “Certos momentos no ciberespaço se parecem com a vida real – e aquele pareceu o mais real de todos...” (JARDIN, 1998, p. 58).

O espaço sagrado muda tudo o que toca. No caso da obra em questão, o ciberespaço permite o contato com o numinoso: “As crianças perceberam que nunca mais



estariam sozinhas (...) era possível, naquele universo virtual, voltar à vida. Nada neles ficaria morto. Ao encontrar de novo a mãe, era a própria infância que estavam reencontrando.” (JARDIN, 1998, p. 58)

Por fim, conclui-se, a partir das análises, a hierofania como ruptura com a homogeneidade do caos, e firmando a convicção de que a realidade tocada pelo sagrado jamais retornará ao seu estado anterior: “César, Félix e Lili, tinham em casa uma cibernãe que (...) os escutava realmente. Puderam crescer sob a luz de seu olhar, ajudados pelo amor e confiança que ela nunca deixou de lhes dar.” (JARDIN, 1998, p. 63)

Percebe-se, portanto, o sagrado em gradação: do mar, de Nárnia ao mundo tecnológico marcado pelo predomínio das máquinas e da informação. O contato com o sagrado a partir do espaço confirma a necessidade do homem de buscar a si mesmo por meio do transcendente. Essa é uma característica da natureza humana e independe das épocas. Em **Mia Couto**, o espaço profano é marcado pela miséria, a seca e a impossibilidade do acesso ao mar. Enquanto que em **C. S. Lewis**, as crianças são deixadas pelos pais por ocasião da guerra e, na obra de **Alexandre Jardin**, o espaço é marcado pela morte da mãe. São contextos diferentes mas em todos há um elemento comum: a ausência, a carência.

Ao confrontar as obras literárias, chega-se à conclusão de que somente a soma de todas, em suas peculiaridades, são formadoras de um conceito maior a partir de sua junção.

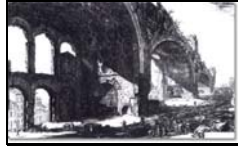
De maneiras distintas, as obras têm o mesmo propósito: mostram que o homem só pode viver em um espaço sagrado, no ‘centro’. Observou-se que, da fantasia à tecnologia, o homem reafirma seu desejo de estar no ‘centro do mundo’, de ultrapassar, naturalmente, a condição humana e de reencontrar a condição divina.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CAMPBELL, Joseph. *O poder do mito*. 19. ed., São Paulo: Palas Athena, 2001.
- CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. Trad. Vera da Costa e Silva, Raul Sá Barbosa, Angela Melim, Lucia Melim. 14.ed., Rio de Janeiro, José Olympio, 1999.
- COELHO, Nelly Novaes. *Literatura infantil. teoria, análise, método*. 7.ed., São Paulo, Moderna, 2006.
- COUTINHO, Eduardo & CARVALHAL, Tânia Franco, orgs. *Literatura comparada*. Rio de Janeiro, Rocco, 1994.



- COUTO, MIA. *O beijo da palavrinha*. Rio de Janeiro, Língua Geral, 2006.
- DURIEZ, Colin. *Manual prático de Nárnia*. Trad. Celso Roberto Paschoa. São Paulo, Novo Século, 2005.
- ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. Trad. Rogério Fernandes. São Paulo, Martins Fontes, 2001.
- GÓES, Lúcia Pimentel. *Olhar de Descoberta*. 2.ed., São Paulo, Paulinas, 2005.
- GREGGERSEN, Gabriele org. *O evangelho de Nárnia*. São Paulo, Vida Nova, 2006.
- _____ *A magia das crônicas de Nárnia. O leão, a feiticeira e o guarda-roupa. Uma abordagem para pais e educadores*. Rio de Janeiro, GW Editora, 2005.
- JARDIN, Alexandre. *Cibermãe uma viagem extraordinária dentro do computador*. Trad. Estela dos Santos Abreu. São Paulo, Moderna, 1998.
- LEWIS, C. S. *As crônicas de Nárnia – o leão, a feiticeira e o guarda-roupa*. Trad. Paulo Mendes Campos. São Paulo, Martins Fontes, 1997.
- _____ *O problema do sofrimento*. Trad. Alípio Franca. São Paulo, Ed. Vida, 2006.
- OTTO, Rudolf. *O sagrado*. Trad. João Gama. Lisboa, Portugal, Edições 70, 2005.
- SANTAELLA, Lúcia. *Navegar no ciberespaço: o perfil do leitor imersivo*. São Paulo, Paulus, 2004.
- SCHAKEL, Peter J. *The way into narnia*. Michigan, Eerfmans, 2005.



Travessias número 01 revistatravessias@gmail.com

Pesquisas em educação, cultura, linguagem e arte.
